

A mulher negra e o seu agendamento na mídia: uma análise comparativa das telenovelas *Da cor do pecado* e *O outro lado do paraíso*

*The black woman and her agenda-setting: a comparative analysis of soap operas *Da cor do pecado* and *O outro lado do paraíso**

Vinícius da Silva COUTINHO¹
Isadora Freitas do Vale LIMA²
Thamyres Sousa de OLIVEIRA³

Resumo

A Hipótese do Agenda-Setting é um dos conteúdos que compõem a disciplina de Teorias da Comunicação. A hipótese estimula reflexões sobre o agendamento da mídia e, nesse agendamento, a maneira como a mulher negra é abordada pela mídia nos chamou atenção. O Brasil é um país de raízes machistas e racistas, no qual mulheres, sobretudo, negras sofrem com os julgamentos e padrões impostos. Desse modo, esta pesquisa tem como objetivo geral compreender como a mulher negra foi agendada pela mídia, mais especificamente, nas telenovelas *Da cor do pecado* e *O outro lado do paraíso*. Para tanto, a metodologia foi pautada em pesquisa bibliográfica e qualitativa e a técnica de análise foi a análise de vídeo. Como referencial teórico-metodológico, utilizamos a hipótese do Agenda-Setting, com base em autores como Wolf (2002) e Matellart (1999). Por fim, consideramos que o agendamento da mulher negra na mídia vem mudando em consequência de uma nova postura adotada nas agendas pessoais da sociedade.

Palavras-chave: Agenda Setting. Mulher negra. *Da cor do pecado*. *O outro lado do paraíso*. Teoria da Comunicação.

Abstract

The Agenda-Setting Hypothesis is one of the contents that make up the discipline of Communication Theories. The hypothesis stimulates reflections on media scheduling and, in this scheduling, the way black women are approached by the media has caught

¹ Graduanda em Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí, Campus Professor Barros Araújo.
E-mail: viniciuscoutinho96@gmail.com

² Graduando em Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí, Campus Professor Barros Araújo.
E-mail: isadorafreitas20014@gmail.com

³ Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professora Permanente da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Barros Araújo.
E-mail: sousathamyres91@gmail.com

our attention. Brazil is a country of chauvinist and racist roots, in which mainly black women suffer from the judgments and standards imposed. Thus, this research has as its general objective to understand how the black woman was scheduled by the media, more specifically, in soap operas *Da cor do pecado* e *O outro lado do paraíso*. Therefore, the methodology was based on bibliographic and qualitative research and the analysis technique was video analysis. As a theoretical-methodological framework, we used the Agenda-Setting hypothesis, based on authors such as Wolf (2002) and Matellart (1999). Finally, we consider that the scheduling of black women in the media has been changing as a result of a new stance adopted in society's personal agendas.

Keywords: Agenda Setting. Black Woman. *Da cor do pecado*. *O outro lado do paraíso*. Communication theory.

Introdução

O Brasil tem em sua origem amarras históricas que carregamos até hoje, uma delas é a escravidão a qual a população negra foi submetida. Consequências disso são os atos racistas e a desigualdade nas condições de vida entre negros e brancos que ainda persiste. A mulher, por ser considerada o sexo frágil (também uma construção histórica), num país machista, sofre ainda mais com essas barreiras. Nessa perspectiva, escolhemos abordar a mulher negra dialogando com Hipótese do Agenda Setting.

A pesquisa buscou comparar a abordagem usada em duas novelas que foram ao ar em diferentes períodos, a fim de observar como a mulher negra foi agendada em cada trama. Vale ressaltar ainda que durante o estudo, com o intuito de contextualizar a temática, foram analisados casos específicos de personagens e mulheres negras atuantes na mídia.

O trabalho se justifica pela preocupação dos autores em entender como a Hipótese do Agenda Setting é aplicada na prática, como também contribuir para os estudos das teorias da comunicação. A pesquisa tem como objetivo geral compreender como a mulher negra foi agendada pela mídia, mais especificamente, nas telenovelas *Da cor do pecado* e *O outro lado do paraíso*. Para atingir o objetivo geral, foram percorridos os seguintes caminhos (objetivos específicos): estudar o que a literatura diz sobre a Hipótese do Agenda Setting; observar como se deu a construção histórica (agendamento) da mulher negra na mídia e, por último, analisar as novelas *Da cor do pecado* e *O outro lado do paraíso*, comparando como a mulher negra foi abordada em cada trama.

No que se refere aos procedimentos metodológicos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, que utilizou como técnica de análise a análise de vídeo e adotou como referencial teórico-metodológico a hipótese do agenda-setting. Segundo Oliveira (2016), a pesquisa qualitativa é uma abordagem que se opõe ao princípio da replicabilidade, princípio que permite que novas pesquisas sejam feitas com base em um banco de dados já existente e é muito utilizado nas ciências da natureza.

Goldenberg (2004, p. 17), complementa essa ideia pontuando que esse tipo de pesquisa se volta para “o aprofundamento de um grupo social, de uma organização e outros e busca estudar aspectos da realidade que não podem ser quantificados voltando-se para o entendimento das dinâmicas sociais”.

Desse modo, para atender aos objetivos da pesquisa, inicialmente, abordamos acerca dos Efeitos a longo prazo, estudos estes que englobam a Hipótese do Agenda Setting, que embasa esta pesquisa. Posteriormente, pontuamos sobre a construção histórica (agendamento) da mulher negra na mídia, citando as personagens Helenas do autor Manoel Carlos e, também, referências negras da atualidade e, por fim, comparamos, sob a ótica do *agenda setting*, os papéis de personagens negras de duas novelas que foram ao ar em décadas distintas: *Dar cor do pecado* e *O outro lado do paraíso*.

Efeitos a longo prazo: hipótese do *Agenda Setting*

O novo paradigma de estudos sobre os efeitos a longo prazo deixa de voltar-se para casos singulares, como por exemplo, campanhas eleitorais como acontecia na abordagem empírica de campo e volta-se para a cobertura global de todo o sistema de *mass mídia*, centrado sobre diversas temáticas. De acordo com Wolf (2002), estes estudos também deixam de extrair dados apenas por entrevistas feitas com o público para se pensar em metodologias integradas e complexas e, ao mesmo tempo, deixa de observar e avaliar as mudanças de atitudes e de opinião para analisar a reconstrução do processo pelo qual o indivíduo modifica a sua própria representação da realidade social.

Diante disso, surgem os estudos da Hipótese do *Agenda Setting*. “A hipótese faz parte dos estudos norte-americanos em comunicação, pertencentes ao paradigma funcionalista, que reúne pesquisas preocupadas em analisar e detectar as funções dos meios e os efeitos causados sobre a audiência (MATTELART, 1999, p.37)”.

A Hipótese do *Agenda Setting* ganhou notoriedade e se consolidou quando Maxwell McCombs e Donald Shaw publicaram, em 1972, um artigo que descrevia resultados de pesquisas realizadas em campanhas eleitorais, nos Estados Unidos.

A hipótese não parte de um princípio de manipulação e pontua que a mídia indica os assuntos importantes sobre os quais as pessoas devem pensar, mas não dita às pessoas o que pensar. Ela observa que os veículos jornalísticos podem induzir ao pensamento crítico e interferem na agenda pessoal do público, como também, as agendas pessoais interferem na agenda da mídia, sobretudo em tempos de redes sociais digitais.

McCombs e Shaw definiram a função da Agenda Setting como o resultado da relação que se estabelece entre a ênfase manifestada no tratamento de um tema por parte dos meios de comunicação de massa e a prioridades temáticas manifestadas pelos membros de uma audiência depois de receberem o impacto destes meios (FORMIGA, 2016, p. 19).

O diferencial nos estudos da Hipótese do *Agenda Setting*, segundo Formiga (2016), é a sua centralização em analisar os efeitos da comunicação com a presença de determinados conhecimentos e informações sobre o meio público na agenda pública, fugindo da ideia de comunicação apenas como persuasão.

Nessa perspectiva, de acordo com Coutinho (s/d), a Hipótese do Agenda Setting surge com o declínio do behaviorismo e a emergência da psicologia cognitiva. O behaviorismo é um método de investigação psicológica que examina do modo mais objetivo o comportamento humano, sem a introspecção. Já a psicologia cognitiva vai, além disso, ao estudar processos mentais, como questões sobre a memória, a atenção, a percepção e a criatividade, que estão por detrás do comportamento humano.

Sobre esse assunto, Formiga (2016, p. 15) pontua que “o estudo dos efeitos cognitivos foi determinado, em grande parte, pelo interesse na observação da incidência dos meios de comunicação no sistema político, que sofreu grandes transformações nas sociedades de capitalismo avançado”.

Nesse contexto, McCombs e Shaw (1972, p. 02) pontuam que “embora não seja conclusiva a ideia de que os meios de comunicação de massa alteram profundamente as atitudes em uma campanha, é muito mais forte a evidência de que os eleitores aprendem pela imensa quantidade de informação disponível durante a campanha”.

Depois de novos estudos, percebeu-se que não só a mídia pauta sobre o que a sociedade irá discutir, já que as agendas pessoais também interferem no que será veiculado pela mídia. Diante disso, propomos analisar o agendamento da mulher negra na mídia comparando duas telenovelas de épocas distintas, a fim de compreender os fatores levados em conta para que houvesse mudanças, de uma novela para outra, na abordagem das personagens negras.

A mulher negra na mídia

Por muitos anos, o espaço dos negros na mídia foi muito limitado. E, nas poucas representações, o que se observava era um tratamento desconexo e de desvalorização, principalmente, no que se refere à mulher negra. Atualmente, ainda ocorre, pois vivemos em um país de raízes desiguais. Porém, ao longo dos anos algumas mudanças já foram observadas.

Uma jovem negra vestindo um uniforme sexy de empregada doméstica, ou um jovem negro tatuado com os cabelos raspados, vestindo roupa de vinil preto, por exemplo, já estão codificados mesmo antes de serem filmados. Inferimos a classe social dos personagens simplesmente pelo modo como se vestem e agem. O modo de vestir-se, ou de agir, é representante daquilo que a pessoa é, daquilo que ela faz ou deixa de fazer. É o retrato da realidade social em que estamos inseridos. (ROSO, A.; STREY, M. N.; GUARESCHI, P.; BUENO, S. M. N. 2002, p. 83)

Nessa linha de pensamento, é fato que acontece um diálogo entre a ficção e o cotidiano. Com isso, se a população negra, historicamente, foi colocada à margem da sociedade e a mídia continua abordando continuamente esse discurso desigual, querendo ou não, é causado um efeito sobre aquele público que consome o conteúdo midiático. Como aborda Coutinho (s/d, p. 09), “as narrativas presentes nas telenovelas buscam guardar uma lógica análoga aos acontecimentos do cotidiano dos telespectadores”.

Enquanto a sociedade aceita como uma certa verdade o que está sendo abordado, o ciclo continua sendo alimentado sem alterações. Mas, a partir do momento em que se é questionado o porquê da abordagem ser feita daquela maneira, a mídia revê a forma como trata os sujeitos. Tendo em vista que o público se realiza ao se ver bem representado, por exemplo, por meio de uma personagem em uma novela.

As Helenas de Manoel Carlos

Um *case* bem importante a ser apresentado, analisando a história da teledramaturgia brasileira, é o das personagens Helenas, do autor Manoel Carlos. Elas são referências dos telespectadores da TV Globo, no quesito personagens.

Durante pouco mais de quatro décadas, nove Helenas protagonizaram novelas de Manoel Carlos. Segundo o *GShow.com*, a primeira, na novela *Baila Comigo* (1981), interpretada por Lilian Lemmertz, que deu vida a uma dona de casa atormentada pelo segredo de ter separado os filhos gêmeos, depois de engravidar de um homem casado e rico, inspirou e moldou a lista das sete protagonistas de mesmo nome que vieram em sua homenagem.

A fala mansa e o jeito simples da Helena, de Maitê Proença, conquistaram o Brasil quando a novela *Felicidade* foi exibida, em 1991. Já a atriz Regina Duarte interpretou Helena três vezes. *História de Amor* (1995), *Por Amor* (1997), *Páginas da Vida* (2006), foram as novelas. Já a Helena de *Laços de Família* (2000) foi interpretada por Vera Fischer; *Mulheres Apaixonadas* (2003) por Christiane Torloni e *Em Família* (2014), interpretada por três atrizes: Julia Lemmertz, Bruna Marquezine e Julia Dalavia. Essas foram 8 das 9 Helenas que foram apresentadas.

Ainda de acordo com o site *GShow.com*, “o segredo para o sucesso e identificação da personagem com o público vêm da forma como o autor buscou retratar suas Helenas como mulheres verdadeiras, com defeitos e qualidades”.

Não, nós não esquecemos de uma das Helenas, o fato é que ao longo dos anos, a Helena foi agendada como uma personagem branca e na maioria das vezes de classe média alta, bem-sucedida. Apenas em uma interpretação, considerando até os dias de hoje, foi que pudemos assistir a uma versão da personagem feita por uma negra. Foi em 2009, quando a atriz Taís Araújo viveu a Helena, da novela *Viver a Vida*, o que para nós resulta de uma modificação das agendas pessoais, em que as problemáticas envolvendo o negro cada vez mais ganham espaço e o público munido de mais informações passa a utilizar espaços públicos como as redes sociais digitais para buscar o negro que muitas vezes foi silenciado e subjugado na teledramaturgia.

Sob essa óptica, ressalta-se que aos poucos a mídia vem modificando sua abordagem para a mulher negra. Contudo, ainda é muito pouco, quando se analisa que

de nove personagens Helenas apenas uma tenha sido negra, mas isso é o reflexo da construção sócio-histórica do país. Não deixando também de estar vinculada à hipótese em estudo. Tendo em vista que foram mais de três décadas, caracterizando-se como a longo prazo, o agendamento das Helenas perante os telespectadores. Ao assistir por 7 vezes a Helena sendo branca, podemos inferir que boa parte dos amantes da teledramaturgia nem esperavam que a oitava Helena fosse negra.

Referências negras na atualidade

Fugindo um pouco do universo das telenovelas, neste tópico, analisamos mulheres negras de destaque na mídia atualmente: as jornalistas Maria Júlia Coutinho (Maju) e Glória Maria.

Em 2013, Maju protagonizou um fato bem importante para a história. Foi a primeira mulher negra a apresentar o quadro da meteorologia. Inicialmente, no *Bom Dia Brasil* e no *Bom Dia SP*, jornais da emissora Globo. Posteriormente, em 2014, Maria Júlia assumiu a previsão do tempo do considerado por muitos, o maior telejornal do país, o *Jornal Nacional*. Porém, é de grande importância ressaltar a complexidade de se trabalhar em um país com uma sociedade hierarquicamente racista.

No dia 02 de julho de 2015, a jornalista sofreu duros ataques racistas pelas plataformas *Facebook* e *Instagram*. Não podemos deixar de abordar esse acontecimento. Enquanto uma parte da sociedade luta por espaço, por igualdade, pelo fim do preconceito racial; outra massa se posiciona totalmente contra isso.

O caso descrito não fez Maria Júlia desistir. Pelo contrário, ela se manteve em destaque ao realizar sua profissão. Maju estreou no dia 19 de fevereiro de 2019, como uma das âncoras do *Jornal Nacional*. A repercussão por parte dos telespectadores foi muito positiva, pois mais uma vez a jornalista simbolizava algo novo. Maria Júlia também chegou a assumir o *Jornal Hoje* nas folgas dos apresentadores âncoras e, atualmente, tornou-se âncora deste telejornal, reafirmando a total capacidade de a mulher negra ocupar esse espaço.

Glória Maria, também negra, já tem uma história um pouco mais longa do que Maria Júlia Coutinho e é uma das maiores referências do jornalismo brasileiro. Atualmente, ela integra a equipe do *Globo Repórter*, programa que apresenta diversas reportagens sobre atualidades, saúde, ciência, natureza e muita aventura, com destinos

exóticos do Brasil e do mundo. A jornalista está no cargo desde 2010. É importante ressaltar grandes trabalhos realizados, anteriormente, pela jornalista, como as coberturas da Guerra das Malvinas, da Copa do Mundo da França e das Olimpíadas de Los Angeles.

Se compararmos de forma geral, são poucos casos. Contudo, ao longo dos anos, as discussões sobre mulheres, racismo, feminismo, representação e espaço na mídia tomaram grande proporção na sociedade. Com isso, mais espaços para esses grupos de pessoas historicamente marginalizados tendem a surgir e com isso a voz da sociedade passa a ser ouvida pela mídia. Em entrevista, o dramaturgo Manoel Carlos relata que a audiência interfere no processo criativo, uma vez que é ela quem garante o sucesso da trama (ARRUDA; TORRES, 2008).

Da cor do pecado e O outro lado do paraíso: abordagem da mulher negra

As telenovelas prendem a atenção de um público imenso e bem variado, com isso, decidimos aplicar a elas os estudos da Hipótese do *Agenda Setting* para observarmos como ocorrem os efeitos a longo prazo estudando a abordagem da mulher negra em duas telenovelas. Partindo do pressuposto de que, como pontua Cohen (1963, p. 13, *apud* COUTINHO, s/d, p.2), a mídia talvez não imponha o que pensar, mas seguramente impõe sobre o que pensar.

Nesse viés, podemos perceber que se por muito tempo a mídia agendou a mulher negra como uma servente, sem assumir os papéis de destaque por causa de sua cor, o público acabou associando à realidade e aquilo foi se estabelecendo como algo normal. Porém, a partir do momento em que a sociedade começa a se questionar, apresenta críticas e discute sobre esses assuntos, a mídia revê sua abordagem e novas representações podem ser construídas. A mídia por um lado agenda sobre o que a sociedade irá conversar através de como tais assuntos são abordados, mas por outro lado, na medida em que a sociedade massifica seu discurso em cima de tal temática, modifica ou interage com agenda do que e de como será a veiculação na mídia.

As duas novelas foram escolhidas, pois marcaram a teledramaturgia brasileira. E, de início, já podemos relacionar o nome das novelas à personagem negra de cada uma das tramas, para melhor situar a pesquisa. *Da cor do pecado*, o nome já traz a ideia estereotipada de algo ruim (o pecado) sobre a cor da personagem principal, negra. Já em

O outro lado do paraíso, observamos que de um lado está a negra doméstica e no outro, o “paraíso”, está a negra juíza.

Wolf (1995, p. 130) pontua em seus estudos que “(...) os media, através de seus critérios de seleção e edição de notícias, apresentam ao público uma lista daquilo sobre o que é necessário ter uma opinião e discutir”. A partir disso, com o intuito de debater sobre o papel das telenovelas na construção da pauta de discussões da população, analisamos, aleatoriamente, episódios (iniciais, ao longo da trama e finais) de duas telenovelas que foram ao ar em períodos distintos. A fim de entender como a mulher negra foi agendada, perante a sociedade, nestas produções.

Análise da personagem negra (Preta) na novela “Da cor do pecado”

A novela foi ao ar em 26 de janeiro de 2004 e terminou no dia 28 de agosto do mesmo ano. Produzida pela emissora TV Globo, teve autoria de João Emanuel Carneiro. A ambientação se deu em São Luís – MA. A novela foi exibida no horário das 19 h.

A novela começa com Paco (personagem branco feito pelo ator Reynaldo Gianecchini) fotografando personagens negros enquanto eles dançam ao som de uma música africana. Nesse momento, a personagem Preta é introduzida na história, os dois trocam olhares e depois se conhecem na banca de ervas de Preta. Preta trabalha desde nova, mora com a mãe em uma casa no Centro Histórico de São Luís. A novela em seu primeiro capítulo mostra a diversidade cultural e étnica da cidade.

A personagem é marcada pelos seus cabelos naturais (cacheados, mas sem muito volume) e roupas simples, da região. Ao longo do primeiro capítulo, Preta vive um romance com Paco, porém, o mesmo precisa partir para o Rio de Janeiro para resolver assuntos pendentes com sua família (Paco é de uma família influente).

Taís Araújo deu vida à personagem Preta, que foi a primeira protagonista negra em uma novela da emissora, ela é apresentada como uma menina forte, batalhadora e de grande personalidade.

Na segunda fase da novela, a personagem principal está alguns anos mais velha e já aparece com os cabelos lisos e com seu filho, Raí (interpretado por Sergio Malheiros), que a mesma teve com Paco.

Ao longo da trama, a personagem sofre com alguns golpes arquitetados por Bárbara (namorada de Paco na primeira fase da novela e vivida pela atriz Giovanna Antonelli), alguns deles eram de roubo, em um episódio a personagem foi até presa. Raí também sofria com os golpes, o que reforça o estereótipo de que uma pessoa negra não é confiável.

Mesmo com uma personagem negra como protagonista, o autor mostra alguns tipos de racismo velado, pois naquela época os movimentos sociais contra racismo não eram tão grandes como hoje em dia. Vemos isso no modo como a personagem negra foi colocada: magra, nariz fino e boca bem característicos do que foi padronizado como belo; seu cabelo era cacheado, mas não era um cacheado crespo ou então armado, era apenas algumas ondas, e na segunda parte da novela, ela já estava de cabelo liso, o que reforçava ainda mais a superioridade dos estereótipos que colocam os negros como inferiores.

A forma como a mudança de visual da personagem foi abordada na novela é reflexo do agendamento que a mídia vinha fazendo da mulher negra, pois quando ela não era colocada em papéis de submissão, como empregadas domésticas, a protagonista mesmo sendo negra teria que passar por alterações para poder continuar com o papel, uma espécie de “branqueamento”. Dessa forma, percebemos o tamanho da influência do padrão imposto pela sociedade, pois naquela época os discursos e manifestações contra racismo ou sobre o empoderamento da mulher negra não eram tão constantes e nem tinham o mesmo impacto que tem atualmente.

Figura 1-Imagens da Personagem Preta em várias fases da novela





Fonte: GShow.com – Personagem “Preta”.

Análise da personagem negra (Raquel) na novela *O outro lado do paraíso*

A novela teve início em 23 de outubro de 2017 e acabou em 11 de maio de 2018. Produzida também pela emissora TV Globo. Walcyr Carrasco foi o autor da trama exibida no horário de 21 h. A ambientação da novela foi feita em Palmas – TO.

Interpretada por Érika Januza, Raquel é negra e faz parte de um quilombo localizado no estado de Tocantins e, de início, trabalha na casa de Nádía (interpretada por Eliane Giardini) como empregada doméstica, onde se apaixona pelo filho da patroa, Bruno (ator Caio Paduan). Os dois vivem um amor correspondido, porém, quando a mãe de Bruno, Nádía (atriz Eliane Giardini), descobre a paixão dos dois humilha Raquel por causa de sua cor e a despede.

Raquel volta a morar no quilombo. Quando Bruno descobre o acontecido, vai conversar com Raquel, os dois decidem se casar, mas ao contar para a mãe ela começa a falar novamente frases racistas e que é totalmente contra esse casamento.

Raquel em uma de suas conversas com sua mãe, fala que tem o sonho de estudar e ser professora. A mãe da personagem diz que os negros do quilombo precisam ocupar cargos maiores, para que não sofram mais humilhação por parte dos brancos. Nesse momento, a novela traz uma problemática vivida por muitos negros que se veem obrigados a ocupar posições de poder no imaginário simbólico coletivo para serem aceitos. Então, a mesma diz que Raquel deve cursar direito e se tornar juíza. A personagem busca fazer parte do judiciário para só assim ser aceita pela sociedade.

Essa tem sido a realidade de muitas mulheres, sobretudo, negras. É um agendamento da mídia que estimula o público a rever suas agendas, discutir com seus colegas sobre o tratamento dado aos negros.

Raquel passa no curso de direito e vai morar em outra cidade, na casa de um casal conhecido de sua mãe. Anos se passam na novela, a quilombola termina o curso e passa em concurso público para o cargo de juíza. Logo depois, volta para Palmas e vai exercer seu cargo lá. O pai de Bruno (antigo juiz) decide dar um jantar para conhecer a nova juíza. Nesse jantar, a família de Bruno tem a surpresa de que Raquel é a nova juíza de Palmas.

A análise que se faz dos episódios é de que desde sempre, aqui no Brasil, os negros sofrem com racismo, seja ele velado ou não. No caso da novela, é mostrado o racismo escancarado, em uma cidade onde quem manda é quem tem maior poder aquisitivo, enquanto os demais obedecem. Raquel é uma personagem que traz voz à causa negra de uma forma diferente daquela que estávamos acostumados a ver nas tramas anteriores. Isso é fruto de uma influência das agendas pessoais, da cobrança feita pela sociedade à grande mídia.

Atualmente, já conseguimos ver negros ocupando cargos em jornais, no horário nobre, já vemos juízes negros e afins. Tudo isso acontece também por influência do discurso massivo que a classe negra vem fazendo através de mídias sociais. E, com isso, a mídia tradicional começa a enxergar a importância de ter essa representatividade.

O agendamento da mídia sobre a mulher negra veio evoluindo ao longo dos anos. Percebemos isso na forma como o visual da personagem Raquel foi caracterizada pela trama. Permitiu-se o cabelo afro, os traços negros mais fortes e até mesmo o local onde ela morava trouxe representatividade para os povos quilombolas. Tudo isso se deu por conta dos crescentes movimentos feminista e negro, que vem buscando seu espaço na mídia para papéis que antes eram dados apenas para brancos, ou por personagens que passavam por um processo de “branqueamento”. As mídias digitais também fazem parte desse sistema, elas potencializam os discursos, fazendo com que a mídia tradicional acompanhe e mostre sua posição diante desses diversos tipos de manifestação.

Figura 2- Imagens da Personagem Raquel em fases diferentes da novela de empregada doméstica à juíza



Fonte: GShow.com – “Raquel”

Considerações finais

Em suma, a Hipótese do *Agenda Setting* aborda sobre como as agendas, tanto a da mídia quanto a pessoal, são formadas. Sendo que, de forma inicial, foi observado que a mídia pauta sobre quais assuntos a sociedade irá discutir. E, apenas depois de estudos posteriores, percebeu-se que as agendas pessoais podem ser, de certa forma, responsáveis pela programação veiculada pela mídia.

Posto isso, ao analisar como a mídia agendou a mulher negra por meio das telenovelas, *Da cor do pecado* e *O outro lado do paraíso*, é possível compreender que o espaço da negra foi, por muito tempo, destinado a papéis em que a mulher era tida apenas como uma servente, na maioria das vezes, como uma empregada doméstica. Não se era comum ter uma negra protagonizando as tramas.

Da mesma forma que os teóricos do *Agenda Setting* observaram que a repetição de ideias/assuntos no período eleitoral influenciava na forma como os indivíduos pensavam, a partir do momento em que diversas produções de teledramaturgia colocam, por muito tempo, a mulher negra à margem, tem-se um impacto (efeito) sobre quem assiste. Porém, é necessário frisar que isso é também um reflexo da realidade.

As amarras históricas que o Brasil carrega até hoje são grandes responsáveis por esse contexto de desigualdade em que vivemos e que gera diversos preconceitos. As mudanças precisam ocorrer em todo o sistema social brasileiro para que as mulheres negras possam ser assistidas com equidade.

Com os movimentos sociais de lutas em busca de igualdade e abolição do preconceito racial, a realidade social passa por mudanças e, conseqüentemente, o agendamento da mulher negra na mídia também se adequa a isso. Maria Júlia Coutinho

chegou à bancada do Jornal Nacional; uma personagem Helena foi negra; a personagem Raquel foi apresentada ao público como juíza. Tudo isso é fruto das discussões sociais sobre a temática.

Referências

ARRUDA, Lília; TORRES, Mariana. **Autores: histórias da teledramaturgia**. Entrevista com o teledramaturgo Manoel Carlos. São Paulo: Editora Globo, 2008.

COUTINHO, Iluska. **A aplicação da agenda setting em conteúdos ficcionais: notas sobre o papel das telenovelas na constituição da pauta no telejornalismo**. Universidade Metodista. Disponível em :
<file:///C:/Users/Vin%C3%ADcius%20Coutinho/Downloads/d0b01bbec1815eae7e1b942caa023cda%20(1).pdf> Acesso em : 9.jun de 2019.

FORMIGA, F. O. N. **A evolução da hipótese de agenda-setting**. Universidade de Brasília. Faculdade de Comunicação. Programa de Pós-Graduação. 2016.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GShow.com. Disponível em: < <http://especiaiss3.gshow.globo.com/novelas/em-familia/as-helenas-de-manoel-carlos/>> Acesso em 11.jun de 2019.

HOHLFELDT, Antonio; FRANÇA, Vera; MARTINO, Luiz. **Teorias da comunicação: conceitos escolas e tendências**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MATTELART, Armand e Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.

MCCOMBS, Maxuell E.; SHAW, Donald L. **The agenda-setting function of the mass media**. Public Opinion Quality, vol. 36 (2), p. 176 – 187, 1972.

ROSO, A; STREY, M. N.; GUARESCHI, P.; BUENO, S. M. N. **Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero**. Psicologia & Sociedade; 14 (2): 74-94; jul./dez.2002.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Rio de janeiro: Vozes, p. 74 – 94, 1995.

OLIVEIRA, T. S. **O jornalismo piauiense e a censura em tempos de estado novo**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM). UFPI - Teresina, 2016.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 4. ed. Lisboa: Presença, 1995.